

Dr. Gary Yates, Livro dos 12, Sessão 5, Amós, A crise assíria como pano de fundo

© 2024 Gary Yates e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Gary Yates em sua série de palestras sobre os Profetas Menores. Esta é a palestra 5 sobre Amós, a crise assíria como pano de fundo.

Estamos na quinta sessão do nosso estudo dos Profetas Menores e preparamos o cenário com os materiais introdutórios.

Agora começaremos a estudar os livros individuais dos Profetas Menores. Vamos começar com o livro de Amós. Quero começar explicando por que começaremos com Amós.

Nas nossas últimas lições, falamos sobre o Livro dos 12, como há uma unidade literária nestes doze livros, e o fato de que isso foi reconhecido pelos judeus duzentos anos antes da época de Cristo, pelo menos. Mas ao olharmos para os livros individuais, em vez de seguirmos a ordem canônica, seguiremos essencialmente uma ordem cronológica. Você deve se lembrar que os livros dos doze estão essencialmente organizados de forma cronológica.

Todos os livros que possuem notações históricas e cabeçalhos seguem uma ordem básica e uma progressão onde passamos do período assírio para o período babilônico e para o período pós-exílico. Mas também existem alguns arranjos temáticos. Pode haver razões pelas quais o livro de Oséias seja colocado na frente para introduzir o tema do arrependimento e da apostasia e todas essas coisas.

Cronologicamente, o primeiro destes profetas a ministrar no reino do norte de Israel foi o profeta Amós. Vamos começar por aí também. Então é aí que vamos começar nosso estudo.

Em muitos aspectos, Amós é um profeta prototípico. Portanto, acho que é um bom lugar para obtermos orientação e compreensão sobre o que são esses profetas e qual foi a mensagem deles para o povo de Israel. Lembre-se, à medida que avançamos no livro dos doze, há um grupo de profetas assírios no século VIII que estão pregando ao povo de Israel no norte, e de Judá no sul, sobre esta crise assíria.

Os profetas do norte incluirão Amós e Oséias. Jonas também é um profeta no reino do norte e acabará pregando na própria cidade de Nínive. Miquéias e Isaías são os profetas do século VIII no sul, pregando no reino de Judá.

Depois, no Livro dos 12, temos um grupo de profetas que tratam da crise babilônica. Então, os últimos quatro profetas serão pessoas que Deus enviou à comunidade pós-

exílica para pregar e ensinar. Então, o que eu gostaria de fazer é começarmos com Amós, uma espécie de início cronológico do ministério dos profetas menores, para falar sobre a crise assíria e por que esse foi um momento crítico na história de Israel e o que estava acontecendo, por que Deus enviou esses profetas e qual era sua missão e seu propósito.

Deus levantou os profetas clássicos no século VIII porque havia uma crise nacional que Israel enfrentava. Ainda na época de Moisés, em Deuteronômio capítulo 18, versículo 5, 18-15, Deus disse a Moisés que ele iria levantar um profeta para o povo de Israel. Vimos esse versículo em nosso vídeo introdutório e vimos que o que está acontecendo ali é que Deus promete que levantará uma sucessão de profetas para o povo de Israel anunciar a eles, para proclamar a eles a palavra de Deus, essencialmente desempenhar para Israel o mesmo papel que Moisés desempenhou para o povo em seus estágios formativos.

Nos primeiros dias do ofício de profetas como Samuel, Natã, Elias e Eliseu iriam principalmente ministrar aos reis. Mas no século VIII, o ministério dos profetas, e a razão pela qual temos o surgimento destes profetas escritores cujas mensagens estão registradas no cânon hebraico, é que agora há uma crise nacional. Eles estão pregando não apenas aos reis.

Eles não são apenas os fazedores de reis em Israel. Eles estão pregando ao povo e chamando-o ao arrependimento antes que esta terrível crise nacional chegue. O que surge no horizonte enquanto Amós realiza seu ministério é que a nação da Assíria está se tornando um império poderoso.

Eles estão olhando para o Ocidente para expandir este império e isso incluirá Israel e Judá e todas as nações da Síria, da Palestina. Antes de chegarmos ao século VIII, é importante compreender que Israel teve uma história anterior com a Assíria que remonta ao século IX. Quero mencionar apenas alguns acontecimentos.

Em 853 aC, sabemos que o rei Acabe e uma coalizão de reis da Síria, Palestina, lutaram contra o exército assírio e basicamente lutaram contra eles até a paralisação na Batalha de Qarqar. Já nesse ponto, a Assíria está olhando para o Ocidente e os reis assírios que se envolveram nesta batalha reivindicam uma grande vitória. Mas a realidade é que não foram mais longe na Síria, na Palestina.

A probabilidade é que Acabe e estes outros reis da Síria, da Palestina, desta coligação, tenham conseguido resistir aos assírios neste momento e evitar que Israel fosse alvo de novas agressões assírias. O interessante do livro dos Reis é que Acabe é lembrado ali como o pior rei que Israel teve. Ele se casou com Jezabel, a mulher perversa que promoveu a adoração de Baal no reino do norte de Israel.

Portanto, o livro dos Reis nem sequer menciona esta conquista significativa em Qarqar, provavelmente porque o escritor dos Reis não quer dar-lhe crédito por nada. O foco em Reis é mais teológico do que simplesmente histórico. Então, Acabe, essa grande conquista militar que resistiu ao exército assírio nem sequer é mencionada ali.

Nem sequer é lembrado, mas está anotado nas inscrições assírias e nos registros assírios. Portanto, sabemos que em 853, Acabe trouxe carros e um número significativo de soldados para esta batalha, e ajudou esta coligação de reis da Síria e da Palestina a resistir aos assírios. No entanto, 12 anos depois, em 841 aC, sabemos que o sucessor de Acabe, Jeú, é forçado a pagar tributo e a submeter-se ao rei assírio Salmaneser.

Um dos achados arqueológicos mais interessantes fora da Bíblia no Obelisco Negro é uma imagem do rei Jeú curvando-se diante do rei assírio e uma inscrição sobre ele trazendo este tributo aos assírios. Neste ponto, o que está começando a acontecer por causa da maldade, da apostasia, do pecado e da rebelião dos reis de Israel e do povo de Israel, as maldições da aliança de Deuteronômio 28 já estão começando a entrar em vigor. Deus estava usando os assírios para punir seu povo desobediente.

Neste ponto, acho que Deus está disparando um tiro na direção de seu povo, alertando-o e lembrando-o da necessidade de se arrepender e de acertar as coisas com ele. Então essa é a história quando voltamos ao século anterior, ao século IX. O interessante é que depois de puni-los, Deus também, seguindo o tempo de Acabe e Jeú, Deus mostrou incrível misericórdia e compaixão para com o povo de Israel porque ele lhes deu um alívio desta dominação internacional dos desígnios imperiais do Os assírios e lhes deu uma oportunidade final, acredito, de mudar seu rumo, de mudar seus caminhos e de serem totalmente abençoados da maneira que ele havia planejado para eles no início.

O reino da Assíria entrou num período de declínio prolongado. Durante cerca de 50 ou 75 anos, o reino da Assíria enfrentou os seus próprios problemas internos. Houve problemas financeiros.

Houve incursões de outras nações mais próximas da Assíria. Os assírios, os reis assírios e os exércitos assírios tiveram que lidar com coisas mais próximas de casa. Deus levantou um rei no reino do norte de Israel que teve o reinado mais longo e bem-sucedido de todos esses reis.

Seu nome era Jeroboão II. Lemos em 2 Reis, capítulo 14, que Jeroboão foi realmente capaz de estender as fronteiras de Israel além de tudo o que eles já haviam experimentado durante o tempo da monarquia dividida. Durante vários anos, Israel também esteve envolvido num conflito com o seu vizinho mais próximo, os arameus ou os sírios.

Jeroboão estendeu os limites e as fronteiras de Israel. O profeta Jonas, que também estudaremos mais adiante neste curso, o profeta Jonas foi o profeta que anunciou a Jeroboão que Deus lhe permitiria expandir as fronteiras de Israel. Compreendemos pela leitura de 2 Reis 14 que a razão para esta bênção que Deus deu a Israel não foi porque houve um avivamento nacional.

Não foi que o povo de Israel tivesse subitamente eliminado a sua apostasia e estivesse seguindo o Senhor. Foi simplesmente o fato de que Deus estava mostrando misericórdia e graça ao seu povo. Jeroboão II teve um reinado que durou mais de 40 anos.

Não foi porque Jeroboão II era um rei piedoso. Na verdade, pensaríamos novamente em Reis que haveria um relatório muito mais extenso sobre este rei, à luz do facto de que ele foi provavelmente o rei mais bem sucedido e eficaz de Israel, o rei que conduziu Israel ao seu maior período de prosperidade. Mas tudo o que 2 Reis 14 vai nos mencionar sobre ele, temos alguns versículos.

Diz em 2 Reis 14, versículo 24, que ele fez o que era mau aos olhos do Senhor. Ele não se afastou de todos os pecados de Jeroboão I, filho de Nabote. Então, o que é importante em Reis, novamente, assim como em Acabe, não são suas realizações políticas, nem a prosperidade que Israel desfrutou durante esse período.

É simplesmente o fato de ele ter feito o que era mau aos olhos do Senhor. Todos os reis de Israel, aquela afirmação, eles continuaram nos pecados de seu pai Jeroboão, será verdade para eles. Portanto, o fato de Deus ter restaurado as fronteiras de Israel, o fato de Deus ter dado a eles um alívio temporário dos assírios, não foi por causa da justiça de Israel.

Foi por causa da misericórdia e da graça de Deus. Já falamos bastante sobre as maldições da aliança, Levítico 26 e Deuteronômio 28, mas Deus não tratou seu povo simplesmente de acordo com um princípio estrito de retribuição. Ele não é apenas um Deus que diz: faça isso. Eu vou te abençoar.

Deus mostra misericórdia de forma incrível tanto com o reino do Norte quanto com o reino do Sul, apesar de centenas de anos de desobediência e rebelião contra ele. Então o Senhor mostrará misericórdia ao povo de Israel. Deus fez a mesma coisa com o reino de Judá, no sul, porque muitas vezes nos diz em Reis que, apesar da maldade do rei davídico, Deus deixou uma lâmpada para Davi porque Deus havia feito uma promessa de aliança que ele iria estabelecer O trono de Davi e os filhos de Davi reinariam para sempre.

Então, durante o tempo de Jeroboão, segundo Reis, capítulo 14, versículo 26, vai dizer isso, e observe a ênfase e observe a declaração que é feita aqui sobre a graça e

a misericórdia de Deus. Diz ali que o Senhor viu a aflição de Israel e viu que a aflição de Israel era muito amarga. OK.

O impacto inicial da incursão assíria na Síria-Palestina já ocorreu. O conflito que os israelitas tiveram com os sírios durante um longo período de tempo, a derrota, a perda de território e as difíceis condições de vida que aconteceram como resultado disso. O Senhor viu que a aflição de Israel era muito amarga.

Pois não sobrou ninguém, escravo ou livre, e não havia ninguém para ajudar Israel. Então, neste ponto, quando não havia maneira de Israel conseguir sair deste problema, Deus mostrou misericórdia para com Israel. Versículo 27, mas o Senhor não havia dito que apagaria o nome de Israel de debaixo do céu.

Então, ele os salvou pelas mãos de Jeroboão, filho de Joás. Então, acho importante lembrarmos que antes da crise assíria no século VIII, já tínhamos outro exemplo da graça e da misericórdia de Deus. Deus deu ao povo um adiamento durante o tempo de Jeroboão II e Israel desfrutou deste tempo incrível de prosperidade, bênção e riqueza, diferente de tudo que tinha experimentado na sua história anterior.

No sul, no reino meridional de Judá, Deus também abençoou aquele reino. Do início a meados do século VIII, houve um rei em Judá, Uzias, que teve um reinado longo e bem-sucedido. Judá desfrutou de uma época de grande prosperidade.

É no ano em que Uzias morre que aprendemos no livro de Isaías que Deus chama Isaías para o seu ministério porque o povo experimentou o reinado deste rei longo e bem-sucedido. Eles olhavam para ele como seu benfeitor. E quando ele morrer, o reino de Judá também precisará de um lembrete: o Senhor é o seu rei.

Ele lhe deu esse tempo de bênção, mas você se afastou dele. O que vai acontecer no futuro próximo? Assim, Israel desfrutou de grande prosperidade antes da ascensão dos profetas clássicos no século VIII. Agora, foi essa prosperidade e todas as bênçãos, foi a extensão dos limites e fronteiras de Israel, foi a profecia positiva que Jonas deu ao povo e, finalmente, fez com que eles voltassem para Deus? Pensamos à luz do que Deus fez por eles, à luz da bênção, do fato de que foi imerecida, isso levou o povo ao arrependimento? E acho que conhecemos o coração humano bem o suficiente para saber que em vários momentos do Antigo Testamento, sempre que Israel experimentava grande prosperidade, em vez de levá-los a Deus e levá-los a perceber que Deus nos abençoou, Deus nos deu esta maravilhosa terra, Deus cumpriu suas promessas para nós, apesar de não merecermos.

Em vez de produzir gratidão, o que levou o povo de Israel a fazer foi colocar Deus em segundo plano nas suas vidas, esquecê-lo, colocar a sua confiança nos seus reis e nos seus líderes humanos em vez de no Senhor. E em vez de Deus ser o foco de suas vidas, de sua riqueza, de sua prosperidade, de seu conforto, todas essas coisas se

tornaram o foco. O livro de Deuteronômio alertou o povo de Israel, e Moisés muito sabiamente diz isso ao povo antes de eles entrarem na terra, tome cuidado quando você entrar na terra, e você desfrutará de todas as bênçãos da terra, você desfrutará das casas que Deus providenciou para vocês, as cidades que Deus lhes deu.

Você está neste lugar onde é uma terra de leite e mel. Tenha cuidado para não se esquecer do Senhor. E acho que em nossas próprias vidas, percebemos que sempre que temos tudo o que precisamos, sempre que estamos confortáveis, há uma tendência a perceber, ou há uma tendência a esquecer que, em última análise, dependemos de Deus para tudo.

E em vez dessa bênção nos levar a seguir a Deus e servi-lo e ser gratos por tudo o que ele nos deu, há uma tendência a nos tornarmos ingratos. E há uma tendência de nos concentrarmos na riqueza ou nos bens que possuímos, em vez de colocar Deus em primeiro lugar em nossas vidas. E penso que a prosperidade material de que desfrutamos como americanos e a prosperidade das pessoas justas em geral no Ocidente tem sido frequentemente algo que nos afasta de Deus.

Foi o que aconteceu também no antigo Israel. E então, quero que você pense na dificuldade do ministério de um profeta como Amós. Israel está saindo deste momento, eles estão no final deste período da sua história onde desfrutaram desta grande prosperidade.

Em Judá, houve uma experiência semelhante de bênção e prosperidade sob o reinado de Uzias. Quão difícil foi para um profeta como Amós ou um profeta como Isaías ou Miquéias no Sul? Quão difícil foi para eles dizerem que esta prosperidade que vocês desfrutaram está prestes a acabar. E o que você não percebe é que enquanto você aproveita este bom momento e este tempo, quando foi um momento de bênção e prosperidade nacional, o que você não entende é que o desastre está se aproximando.

E Deus está prestes a levantar-se em meados do século VIII após o reinado de Jeroboão e de todos os reis que vierem depois de Jeroboão. Sua dinastia terminará logo após esse período. E então todos os reis que vierem depois dele serão fracos e ineficazes e, no final das contas, serão dominados pelos assírios.

Quão difícil foi, como profeta, Amós, entrar em cena e convencer o povo do julgamento que estava para vir? Posso imaginar que, enquanto as pessoas vivenciavam esta época de prosperidade sem precedentes, elas estariam dizendo: Amós, do que você está falando? Por que você é tão alarmista? Desfrutamos deste grande momento de bênção nacional. Por que Deus nos puniria agora? Mas esse era o trabalho dos profetas clássicos. Na urgência da mensagem, na intensidade da mensagem, às vezes na raiva da mensagem, na retórica extrema, na água branca da ira de Deus de que falamos anteriormente.

A razão para isso é que os profetas têm que acordar as pessoas que experimentaram este tempo de bênçãos incríveis. E agora é hora do julgamento chegar. Paul Gilchrist diz isso.

Ele diz que a apostasia de Israel foi o catalisador do imperialismo assírio. Poderíamos analisar todas as razões, tanto políticas como militares, pelas quais os assírios se tornaram um império dominante em meados do século VIII. Mas a razão teológica, a explicação teológica, o que o Antigo Testamento nos diz sobre isto, é que Deus vai levantar este grande império.

Deus levantará os reis assírios com seus desígnios e desejos imperialistas porque, em última análise, Deus usará esta nação. Deus usará esse povo para punir Israel e Judá pela infidelidade da aliança. No ano 745, este é um ano significativo em toda essa discussão.

No ano 745, um novo governante energético surge na Assíria e seu nome é Tiglate-Pileser III. Tiglath-Pileser III se tornará o fundador do império neo-assírio que durou 125 anos. Tiglath-Pileser foi um grande líder.

Ele era um rei enérgico. Ele foi um administrador eficaz. Uma das coisas sobre os assírios não era apenas a eficácia, o poder e o poderio do seu exército, mas também a habilidade administrativa com que os líderes assírios usaram esse exército.

Deus vai usar este novo governante enérgico e o império que ele estabelece para, em última instância, provocar a punição de Israel, o exílio de Israel no século VIII aC. O profeta Isaías falará sobre isso em Isaías capítulo 10. Ele falará sobre como Deus usa o império assírio como seu instrumento de julgamento sobre o povo de Israel.

Eu gostaria de dar uma olhada nessa passagem. Isaías capítulo 10, versículo 5, o Senhor diz: Ah, Assíria, vara da minha ira, cajado nas suas mãos é o meu furor. Portanto, diz o Senhor, o exército assírio não é apenas uma poderosa máquina militar construída por Tiglate-Pileser III.

O exército assírio é, em última análise, o meu instrumento para provocar a minha punição. Assim, Tiglath-Pileser estabelece o império Neo-Assírio. Ele começa a olhar novamente para o Ocidente, como fizeram os reis assírios no século IX.

Os problemas internos foram resolvidos. A Assíria é forte, é poderosa, é poderosa novamente. Ele vai começar a movimentar os seus exércitos e vai começar a realizar essas campanhas na Síria-Palestina.

O Senhor diz: Tiglate-Pileser pode ter seus próprios desígnios e intenções. Ele não é apenas um líder militar. Ele não é apenas um grande rei.

Em última análise, ele é meu instrumento porque sou soberano, até mesmo sobre este rei pagão e até mesmo sobre esses exércitos pagãos. Acho que um dos benefícios para nós que lemos os profetas do Antigo Testamento hoje é que somos lembrados da soberania do Deus de Israel sobre todas as coisas que estão acontecendo em nosso mundo hoje. Quem, em última análise, determina o que acontece no nosso mundo hoje não são os nossos líderes políticos.

Falamos frequentemente que o Presidente dos Estados Unidos é o homem mais poderoso do mundo, mas comparado com Deus, em última análise, o seu poder não é nada. Deus usa, controla e move os reis da terra para fazerem a sua vontade e os seus desígnios. De certa forma, Deus está presidindo este grande tabuleiro de xadrez.

Os governantes humanos, os líderes humanos, os governos, os exércitos e os reinos são, em última análise, responsáveis perante Deus e respondem perante Deus pelas coisas que fazem, pela maldade que cometem e pelos males pelos quais são responsáveis. Mas Deus, mesmo em meio ao seu mal, ao seu pecado e à sua rebelião, e mesmo às vezes quando nações e reinos agitam os punhos na face de Deus, Deus ainda está cumprindo seus propósitos. Ao ler os profetas, lembro-me de que Deus estava no controle do que acontecia no mundo no século VIII aC.

Quando lemos os nossos jornais hoje, devemos lembrar-nos que Deus está no controle do que está a acontecer no século XXI no nosso mundo. As coisas que estão acontecendo no Oriente Médio, Deus sabe disso. Deus está no controle disso.

As coisas que estão acontecendo em nosso país e todas as crises, a crise moral, a crise econômica, Deus está no controle disso. Podemos fingir que o nosso governo ou os nossos exércitos são as respostas definitivas. Mesmo esses indivíduos, até mesmo esse poder está, em última análise, sob o controle de Deus.

O profeta Isaías dirá: A Assíria, sim, é uma nação poderosa, é um império poderoso, mas, em última análise, é simplesmente uma vara que estou usando em minhas mãos para fazer minha vontade e realizar meus propósitos. O profeta Jeremias, durante o tempo da crise babilônica, virá e dirá essencialmente a mesma coisa sobre Nabucodonosor e os babilônios. Em Jeremias capítulo 27 e em Jeremias 29, o profeta Jeremias vai dizer: Nabucodonosor é meu servo.

Isso não significa que Nabucodonosor conhecia o Senhor. Isso não significa que Nabucodonosor tivesse um relacionamento com Deus. Isso não significa que Deus aprovou todas as coisas que o governo e o exército babilônico fizeram porque, em última análise, eles seriam julgados e responsabilizados por isso.

Mas, em última análise, num sentido final, Nabucodonosor era servo de Deus porque estava cumprindo o propósito e as intenções de Deus. Jeremias dirá em Jeremias capítulo 50 que Nabucodonosor é o martelo. O exército babilônico é o martelo que Deus está usando para punir os povos da terra.

É muito parecido com o que Isaías diz aqui quando diz que a Assíria é a vara da minha ira e o cajado na minha mão. Jeremias também falará sobre o Senhor como o guerreiro que finalmente lidera os exércitos da Babilônia contra Jerusalém. Jeremias capítulo 21.

E em Jeremias 27, Deus entregou nas mãos de Nabucodonosor o controle dos reinos do mundo. Ele até deu a Nabucodonosor o controle sobre os animais que existem na terra. E a retórica de Jeremias retrata essencialmente Nabucodonosor como um novo Adão.

Deus usa esse rei pagão para cumprir seus propósitos. Mas Jeremias também vai dizer que depois de Deus ter usado Babilônia para punir as nações da terra, depois de todas as nações que Nabucodonosor derrotar, conquistar e destruir, depois de beberem o cálice da fúria de Deus, também haverá um tempo quando os babilônios bebem o cálice da ira de Deus e o cálice da fúria de Deus. Eles não são independentes de Deus.

Enquanto os israelitas e o povo de Judá atravessavam estes tempos de crise, sempre houve a tendência de pensar: serão os deuses da Assíria no século VIII maiores do que os deuses de Israel? Como os assírios poderiam nos derrotar se o Senhor Deus, que é o rei soberano final, como poderia o Senhor permitir que fôssemos derrotados por esses exércitos? Isso significa que os exércitos da Assíria são maiores que os exércitos de Yahweh? Durante os séculos VI e VII, quando os babilônios começaram a invadir Judá, seriam os deuses da Babilônia maiores que os deuses de Judá? Foi por isso que fomos derrotados? Os profetas do Antigo Testamento querem dar ao povo uma compreensão teológica disto. Deus não está impotente em meio a tudo isso. Deus está realmente cumprindo seus propósitos soberanos.

O profeta Isaías, na segunda metade do livro de Isaías, também vai dizer sobre o rei persa Ciro, que Deus levantará no final deste processo para finalmente substituir os babilônios. Ele vai dizer: Ciro é meu pastor. Vai até dizer: Ciro é meu ungido, a palavra hebraica Messias, o antecessor da nossa palavra Messias.

Ciro é meu pastor e Messias. Novamente, não porque Ciro fosse um temor do Deus de Israel, não porque Ciro fosse monoteísta. Sabemos por suas inscrições e coisas que ele não era.

Não porque Ciro reconheça o Senhor como o único Deus verdadeiro, mas porque Deus usará Ciro e os persas da mesma forma que usou Tiglate-Pileser e os assírios da

mesma forma que usou Nabucodonosor e os babilônios. Deus está no controle de todo esse processo. No século VIII, Israel e Judá estão prestes a entrar nesta época de desastre nacional, onde estarão nas garras destas potências imperiais.

Os profetas queriam que eles soubessem que Deus era soberano e que Deus estava no controle disso. Ao ensinarmos os profetas e ao pregarmos os profetas às pessoas hoje, acho que às vezes é muito importante lembrarmos às pessoas que Deus está no controle do cenário internacional. Deus sabe tudo sobre o terrorismo internacional e Deus, mesmo às vezes, usará pessoas e nações perversas para cumprir os seus propósitos.

Quando esta crise assíria começou no século VIII, os profetas estão a dar ao povo esta compreensão teopolítica. O profeta Isaías continua dizendo, depois do versículo cinco, a Assíria é a vara da minha ira, o cajado em suas mãos é a minha fúria, contra uma nação ímpia eu o envio. Isaías até fala sobre Israel e Judá serem uma nação sem Deus.

Outros lugares Isaías os comparará com Sodoma e Gomorra. É por isso que Deus enviará o exército assírio contra eles. Mas o problema era que o exército assírio, Tiglate-Pileser e Nabucodonosor, mais tarde, não necessariamente reconheciam que estavam cumprindo os propósitos de Deus.

Em vez de Tiglate-Pileser vir a Israel porque Deus lhe ordenou que o fizesse, ou em vez de Nabucodonosor vir a Judá porque sabia que estava a fazer a vontade de Deus, em última análise, estes reis estavam a realizar os seus próprios desejos e desígnios imperialistas. Os assírios, em vez de realizarem uma obra sagrada, estavam na verdade cometendo terríveis atrocidades e violência à medida que se deslocavam para o Ocidente e começavam a subjugar povos como Israel e Judá. O profeta Isaías reconhece isso.

Ele diz isso sobre o rei assírio nesta passagem de Isaías capítulo 10, Isaías 10.7, mas o rei da Assíria não tem essa intenção. Em outras palavras, ele não pretende vir e fazer a vontade de Deus. Seu coração não pensa assim, mas está em seu coração destruir e exterminar nações, não poucas.

E o rei assírio vai olhar para Israel e Judá e vai dizer: esses reinos e essas nações são diferentes das outras nações que conquistei? Os ídolos e as imagens de Samaria e Judá são maiores do que os ídolos, as imagens e os deuses desses outros povos pagãos? Vou conquistá-los assim como conquistei todas as outras pessoas. Quando a cidade de Jerusalém estiver mais tarde sitiada no reino do sul, Senaqueribe, o rei assírio, virá ao povo de Judá e dirá: não dê ouvidos a Ezequias ou não dê ouvidos aos seus líderes que estão lhe dizendo o seu Deus vai te livrar. Seu Deus não é mais eficaz ou não será mais eficaz em libertá-lo do que todos os deuses dessas outras pessoas.

E assim, por causa da blasfêmia desses reis assírios, porque eles fazem parte desses governantes humanos que balançam o punho na cara de Deus e dizem: faremos o que quisermos, porque eles vêm, em última análise, para realizar seus próprios desejos imperialistas e porque eles fazem isso de uma forma violenta e horrível, Deus diz, vou usá-los para cumprir meu propósito. Mas também vou responsabilizá-los pela violência e pela sua maldade. E então, Deus usa esses reis.

Ele está presidindo o tabuleiro de xadrez, mas Deus não participa do mal moral que Tiglate-Pileser, Senaqueribe e todos esses reis assírios cometem. Uma das coisas que sabemos sobre o exército assírio e sobre o povo assírio é que foi um império que, em muitos aspectos, foi construído com base na violência, no derramamento de sangue e na intimidação. À medida que os exércitos de Tiglath-Pileser começaram a se espalhar e ele estabeleceu seu império, uma das maneiras pelas quais eles fizeram isso foi intimidando as pessoas ao seu redor com seu poderio militar e violência.

Ao olharmos para as inscrições assírias, ao olharmos para os registros assírios, ao olharmos para a arte assíria, vemos um foco na violência, no derramamento de sangue e na conquista militar. Por exemplo, o rei Senaqueribe, que é o rei que vai cercar a cidade de Jerusalém em 701 a.C., diz isto, falando dos seus inimigos e da sua conquista militar; como bois gordos, eu rapidamente os abati e os defendi. Cortei suas gargantas como cordeiros.

Eu interrompi suas vidas como se corta um barbante. E assim você tem uma ideia da violência que foi glamorizada por esses reis assírios. Assurbanipal do século VII vai dizer isso em uma de suas inscrições, com o sangue deles, tingi a montanha de vermelho como lã e o resto delas, as ravinas e as torrentes das montanhas, engoli.

Eu levei cativos e posses deles. Cortei as cabeças dos seus combatentes e construí com elas uma torre diante da sua cidade. Eu queimei seus meninos e meninas adolescentes.

E assim, ao pensarmos ao longo da história, nos horrores da guerra e no quanto odiamos isso e no quanto nos opomos a isso, os assírios usaram isso como parte da sua estratégia para, em última análise, intimidar as nações mais pequenas como Israel e Judá em sujeição. Se olharmos para a arte assíria, vemos fotos e imagens de cabeças decepadas empilhadas fora dos muros da cidade. Vemos corpos sendo desmembrados.

Vemos fotos de pessoas sendo empaladas em paus depois que as cidades foram conquistadas. É o que acontece com os judeus, tanto em Israel como em Judá, quando são derrotados pelos assírios. Há uma peça específica de arte assíria que mostra vários atos de atrocidades assírias.

Num painel, vemos um soldado assírio espancando um prisioneiro de guerra elamita até a morte. Em outro lugar, vemos soldados assírios esfolando um prisioneiro de guerra elamita, cortando-lhe a pele e arrancando-a enquanto ele ainda estava vivo, como forma de tortura. Soldados assírios estão enfiando a mão na boca de outro prisioneiro e arrancando-lhe a língua.

E assim, existe esta tendência, e penso que isto era verdade para todos os exércitos do antigo Oriente Próximo. Não existem Convenções de Guerra de Genebra, mas é algo que é particularmente enfatizado como parte da retórica assíria. Quando Senaqueribe capturou a cidade de Laquis, em Judá, ele voltou para seu palácio. Ele decorou as paredes com imagens da conquista de Laquis porque esta foi uma das conquistas militares mais significativas de sua carreira.

E então é interessante pensar em Amós, e enquanto esses profetas do século VIII iniciam seu ministério, Deus está levando um povo brutal, violento, em muitos aspectos, desprezível, que tem seus próprios desígnios sobre essas pessoas, que cometem violência, que fazem todas essas coisas horríveis. Deus os está usando como instrumento de julgamento sobre seu povo injusto. Lemos em Gálatas o princípio de que tudo o que o homem semear, isso também colherá.

E penso que se quisermos uma das imagens mais eficazes de colheita e sementeira em toda a Bíblia, podemos pensar no que aconteceu a Israel e Judá no século VIII. Semearam centenas de anos de desobediência e infidelidade a Deus. Eles vão colher as consequências desse pecado.

O profeta Oséias vai dizer: vocês semearam o vento, e Israel fez isso pela sua maldade, pelas suas estratégias militares, pelo seu envolvimento político em alianças. Você colherá o turbilhão. E esse redemoinho seria o exército assírio. Eles viriam sobre Israel e executariam o castigo de Deus.

Compreendemos a santidade de Deus, o ódio de Deus pelo pecado, a seriedade do pecado e as suas consequências quando olhamos para o que vai acontecer a Israel e Judá no século VIII como resultado da sua desobediência. Então Tiglath-Pileser vai estender o seu império. Seus exércitos se moverão para o oeste e colocarão Israel e Judá sob sua autoridade e influência.

Por volta do ano 722-721, o reino do norte de Israel, naquele ano específico, cairá nas mãos dos assírios. A capital do norte, Samaria, caiu nas mãos dos reis assírios. E nessa época, o reino do norte irá para o cativeiro.

As dez tribos do norte serão perdidas e a Assíria se tornará uma província assíria. O reino do sul de Judá sobreviverá a esta crise. Mas o reino meridional de Judá, sob Acáz, também se torna vassalo dos assírios.

Os assírios mudaram-se para o sul no final do século VIII; os registros assírios dizem que eles capturaram 46 cidades diferentes em Judá e prenderam o rei de Judá, Ezequias, como um pássaro em uma gaiola. Mas, em última análise, por causa da fé de Ezequias, porque ele se voltou para Deus, Judá será poupado por mais 140 anos. Mas também sofrerão os efeitos do exército assírio e da invasão assíria.

A tarefa de profetas como Amós e Oséias é acordar o povo para esta crise. Amós entra em cena entre 760 e 750 AC. É o fim do reinado de Jeroboão II.

Tem havido uma grande prosperidade. É função de Amós dizer que o tempo está chegando ao fim e que agora Deus começará a julgar seu povo. E penso que, ao olharmos para as circunstâncias específicas do ministério de Amós e para o momento em que isso ocorreu, há três ou quatro coisas que são significativas no envolvimento de Amós neste ponto específico da história de Israel.

Quero começar lendo os dois primeiros versículos do livro de Amós e apenas apresentar o cenário histórico e o contexto. Onde é que Amós se enquadra nisto, no meio desta crise assíria? E Amós 1:1-2 diz, as palavras de Amós, que estava entre os pastores de Tecoa, que ele viu a respeito de Israel nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, o rei de Israel, e diz, dois anos antes do terremoto. OK.

Portanto, há algumas coisas significativas sobre o momento do ministério de Amós no meio desta crise assíria mais ampla. Como eu disse, o tempo do ministério de Amós é geralmente estimado entre 760 e 750 AC. O que isso significa é que ele está realmente no início desses profetas que começarão a alertar as pessoas de que o julgamento está a caminho.

Ainda faltam 30 ou 40 anos para Amós realizar seu ministério. E então será muito difícil para as pessoas que experimentaram todas essas bênçãos e prosperidade realmente levarem a sério sua mensagem. Imagine se você fosse Amós tentando convencer essas pessoas. Essa é a dificuldade que ele tem em seu ministério.

A razão pela qual Amós muitas vezes faz esse julgamento parecer tão terrível quanto possível é que há uma esperança de que, em última análise, a seriedade desperte essas pessoas. A segunda coisa é que a seriedade do ministério e da mensagem de Amós neste momento específico da história de Israel se reflete nas circunstâncias do seu chamado. OK.

Podemos não ter notado isso ao lermos o primeiro versículo, mas ele diz as palavras de Amós, que estava entre os pastores em Tecoa. Tecoa era uma cidade ou vila no reino do sul de Judá. E Deus realmente chama Amós para deixar o reino do sul de Judá e pregar esta mensagem no reino do norte de Israel.

OK. Esta mensagem é tão séria que Amós deixará sua casa em Judá e irá proclamar esta mensagem no reino do norte de Israel. Também pode nos dizer algo sobre a situação dos profetas no reino do norte.

Se Deus quiser encontrar um profeta fiel para pregar esta mensagem, ele terá que chamar alguém do reino do sul para fazer isso. E assim Amós irá cruzar a fronteira entre o sul e o norte, e como um forasteiro e como um estrangeiro e como parte do povo odiado do sul, Amós irá levar a sua mensagem para o norte e pregar lá. Deus também vai chamar Amós para sair de uma vocação e de uma situação na vida que nada tem a ver com ser profeta.

Vemos algo mais sobre o chamado de Amós e uma declaração adicional sobre isso na declaração que Amós faz em Amós capítulo 7, versículos 14 e 15. No final das contas, um dos sacerdotes do norte, Amazias, depois que Amós pregou esta mensagem de julgamento, e não sabemos exatamente quanto tempo durou seu ministério. Pode ter sido pouco tempo, pode ter se passado vários anos, mas eventualmente, Amazias dirá, pare de pregar para nós.

Volte para casa, volte para Judá e pare de falar contra o santuário do rei. Não queremos mais ouvir sua mensagem de julgamento. E Amós vai dizer, bem, quando Deus me chamou, quando Deus disse, só estou aqui porque Deus me chamou e eu não era profeta nem filho de profeta, mas era pastor e cultivador de figos de sicômoro.

Mas o Senhor me tirou de seguir o rebanho, e o Senhor me disse: vai e profetiza ao meu povo Israel. Então, Deus chamou Amós de um conjunto único de circunstâncias. Amós não era um profeta.

E a afirmação que Amós faz quando diz que eu não era profeta nem filho de profeta foi interpretada de várias maneiras diferentes. Algumas pessoas interpretaram isso como uma pergunta. Eu não era um profeta ou filho de um profeta? Alguns viram Amós distinguir entre o fato de ele ser um vidente, o tipo de profeta que havia em Judá, em vez de um profeta, que era um dos porta-vozes do reino do norte.

Outras pessoas interpretaram Amós como se eu não fosse um profeta de culto, nem um profeta de estado, nem um profeta oficial. Mas provavelmente a compreensão mais natural disso é que eu não fui, ao chamar um profeta de Deus, até o momento em que Deus se interpôs e Deus interveio em minha vida e disse: Quero que você vá para o reino do norte de Israel. E nesse ponto, a vocação de Amós tornou-se a de profeta e porta-voz de Deus.

Então, nessa circunstância única em que Amós não é um profeta, ele é um pastor. Ele é um adestrador de plátanos. Ele é um fazendeiro.

E Deus o manda embora disso. A urgência desta mensagem é que o Senhor simplesmente o pega e o move. E como professor de seminário, ou fui um estudante ou um professor que Deus chamou de todos os tipos de vocações, política, atletismo, prática da lei e negócios.

E Deus disse às pessoas: quero que você vá e quero que pregue pelo homem. E as pessoas respondem a esse chamado. Foi isso que Amós fez.

Mas as circunstâncias do chamado de Amós refletem a seriedade da mensagem que ele foi chamado a pregar por Deus. Acho que há outra coisa sobre o chamado de Amós que precisamos corrigir. Quando falamos sobre Amós como pastor e criador de sicômoros, e ele estava envolvido na agricultura e esse tipo de coisa, muitas vezes ouço pessoas despreverem Amós como um fazendeiro rural ou um pregador rural e que Deus chamou esse pregador rural para ir para o reino do norte.

Na verdade, se olharmos as descrições de Amós, o texto provavelmente sugere algo mais. A palavra usada para descrever Amós como pastor em Amós capítulo um, versículo um, não é a palavra hebraica normal para pastor. Em vez disso, é a palavra *noqad*.

E essa palavra *noqad* é usada em 2 Reis capítulo três, versículo quatro, creio que é o único outro lugar onde é usada, para descrever Mesa, o rei dos moabitas, dizendo que ele era um pastor. E assim, a sugestão dessa palavra é que Amós não é apenas um pregador de um país pobre, uma pessoa sem instrução, mas Amós é um proprietário de terras com extensas propriedades e um extenso número de gado. Ele é um pastor e dono de rebanhos no mesmo nível de um rei.

E no meio de sua vida agitada, no meio de toda essa riqueza, o chamado de Deus em sua vida é tão sério que Deus diz: Quero que você vá e proclame ao reino do norte. E acho que mesmo quando Amós transmitiu àquelas pessoas as circunstâncias de seu chamado, foi uma forma de Deus mostrar-lhes a seriedade da mensagem que Amós veio proclamar a eles. Infelizmente, como Amós prega, Amazias reflete, em última análise, a resposta do povo.

Não queremos ouvir isso. Afaste-se de nós. A quarta coisa sobre o chamado de Amós e o momento em que isso ocorre e como ele se encaixa na crise assíria é o que vemos no capítulo um de Amós, versículo um, o que também acontece após o ministério de Amós.

E lembre-se que nos diz lá no versículo um que ele pregou nos dias de Uzias, o rei de Judá, nos dias de Jeroboão, ambos reis prósperos e ricos, mas ele pregou dois anos antes da época do terremoto. Acredito que o propósito, desígnio e intenção específicos do ministério de Amós era pregar ao povo sobre o julgamento que estava

por vir, e Deus enviou-lhes um aviso depois que Amós lhes pregou. Dois anos depois, houve um terremoto que ocorreu em Israel e Judá.

E foi um lembrete; foi um alerta. Foi mais um tiro certo de Deus sobre o povo de Israel para lembrá-los de que o julgamento estava chegando. E penso que este detalhe incidental é mencionado no versículo um para dizer que esta foi a autenticação das advertências e mensagens de julgamento de Amós.

Deus enviou este terremoto como outra forma de mostrar ao seu povo que um julgamento maior estava a caminho. Os arqueólogos confirmaram para nós que o terremoto de que Amós fala realmente aconteceu. Na cidade de Hazor, na parte norte de Israel, houve uma descoberta arqueológica em Stratus 6 de danos nas muralhas que ocorreram na cidade de Hazor no século VIII aC que nos confirma a gravidade deste terremoto.

Deus estava falando sério sobre o que iria acontecer. Deus estava alertando seu povo sobre o que aconteceria no futuro. Mais tarde, nos profetas pós-exílicos, no final dos profetas menores, temos esta declaração em Zacarias capítulo 14, versículo 5. Zacarias 14.5 diz: Fugireis para o vale dos meus montes, falando sobre o julgamento futuro do dia do Senhor, porque o vale das montanhas chegará até Azal.

E fugireis como fugistes do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá. E então aquele terremoto foi significativo o suficiente para que no período pós-exílio, depois de todas as coisas que aconteceram em Israel e Judá, eles ainda se lembrassem disso. A mensagem de Amós era um aviso do julgamento que estava por vir.

Foi uma preparação para a crise assíria. E este terremoto foi uma autenticação que o povo de Deus precisava para levar a sério esta mensagem. Deus chama pessoas para ministrar às vezes em circunstâncias muito difíceis.

Deus chamou Amós para preparar o povo para o julgamento. E Deus nos chamou para proclamar tanto seu julgamento quanto sua salvação. E ele nos chama a proclamar isso mesmo quando essa mensagem não é popular, mesmo quando não é algo que as pessoas queiram ouvir.

E acho que a fidelidade de Amós ao seu chamado é um lembrete para nós de que Deus deseja que façamos o mesmo e que Deus nos recompensará se proclamarmos fielmente sua palavra.

Este é o Dr. Gary Yates em sua série de palestras sobre os Profetas Menores. Esta é a palestra 5 sobre Amós, a crise assíria como pano de fundo.